

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

M. Brito

ANNO I.

DOMINGO 1.º DE JUNHO DE 1862.

N. 4.

O PACAJÁ.

Litteratura.



LITTERATURA é o povo, diz Victor Hugo. Ella é a expressão mais legitima da sociedade, o reflexo fiel de um adiantamento moral.

Como fonte da civilisação ella occupa na historia dos povos cultos o mais brilhante logar.

Pelo esplendor em que ella se ostenta, ou pelo seu atrazo a civilisação de qualquer povo se nos patentêa com a mais segura exactidão.

A litteratura é, pois, pode-se dizer, a alma, a essencia de qualquer nação. Sem ella não ha progresso, não medra a civilisação.

Portugal, esse gigante de outrora, quando empunhava o sceptro da primazia entre as de mais nações, quando era o rei das conquistas, era também o gigante da intelligencia, o berço famoso das letras. E embora o fizesse vergar e decahir a mão do Omnipotente, arrebatando-lhe o sceptro de dominador, elle contudo conservou-se grande e respeitado, marcha ainda á frente das nações mais illustradas do mundo.

E' que a influencia de uma nação não está só na abundancia de seus recursos materiaes, está sobre tudo no seu adiantamento moral, no esplendor a que tem chegado a sua litteratura. E Portugal, que a todas as partes do mundo levava a semente da civilisação, era grande na sua decadencia, e o será em quanto existir, porque continha e contém em si o germen da civilisação, porque a sua litteratura sempre

se ostentou brilhante, mesmo nos dias de sua maior penuria.

Nos que herdamos de Portugal as glorias e as tendencias que vivemos em um solo abençoado de Deus, sob a influencia dos tropicos, marchamos pela senda do progresso a par das primeiras nações do mundo. Deus em seus altos desígnios fadon-nos para grandes cousas; deu-nos o mais rico solo do mundo, na intelligencia de todos os brasileiros soprou a sentella do genio que nos impelle para o progresso.

A nossa litteratura desenvolve-se progressivamente e atrahê a si a mocidade que desponta robusta inspirando-lhe as mais soberbas ideas.

Obreiros do futuro todos se congregão no templo das letras para illustrar o paiz, e eleva-lo ao ponto de esplendor e magestade que lhe tem marcado a Providencia.

Não os amedrontão o riso incredulo emofador da estúpidez, nem a indifferença estulta de torpes materialistas, e n'um só brado repetem todos: --Avante! Avante! que a litteratura é o principal motor do progresso e da civilisação: é a alma, é a vida de qualquer nação.

PHILOSOPHIA.

O homem creado para o ser infinito, não tarda a sentir o vacuo dos objectos, para cuja possessão tanto trabalha. Então se agita, atormenta-se para supprir á immensidade com o numero. Dos objectos que hontem amontoava com o mais vivo ardor, passa á procurar outros nos quaes á manhua e talvez hoje mesmo experimentará o mesmo desgosto. Os examina, e torna á examinar em todos os sentidos. Os toma, os deixa, e os torna a tomar para os deixar. Inutil trabalho, que cãa rapidamente a

... a inteligência, coragem, e também o seu próprio que esperava satisfazer totalmente. Vemos perecer inutilmente jovens, que davão bellas esperanças no começo de sua vida, lãa na idade de suas primeiras meditações, em que o olho da intelligencia se abria com tantas delicias aos raios da eterna verdade. A existencia de Deus a immortalidade da alma, a providencia divina, a distincção do bem e do mal, a pena do vicio, as recomensas da virtude, a divindade da Religião. . . . que questões de um interesse sempre novo para os almas! Com que intelligencia ardor tratamos durante o dia, e algumas vezes no tempo destinado ao repouso! Quando uma difficuldade se apresentava, nos erão precisas longas e pesadas noites para chegar a sua solução.

Que dias sem saçojo, e de noites sem descanso! e as primeiras luctas da alma! . . . estremo exerecicio contra as difficuldades da vida!

Quando a vida se tornou em vão o fegbo do ajitre o felle e o asador.

... a família lagrimas em a m. . . do espirito humano. ISS. . . . illuminação inferior. j momento que monas esperavamos, dissipava e a sua viva luz a nuvem que se o havia a vista, como nos sentiamos rapidamente rasgados de todas as penas, que habiamos experimentado! e em que negro Calvinismo viamos de novo o ol da verdade brilhar com todo o seo clarão aos olhos de nossa alma!

Para aquelles de quem acabo de falar, oh desgraça! nenhum enthusiasmo, nenhuma reflexão, nenhum pensamento se assim se pode exprimir. As palavras as mais energicas ferião á cada instante os seus ouvidos sem que ficasse coisa alguma no fundo de seo coração. Porem ligeiros phantasmas, extravagantes sonhos zombário do tempo em tempos no seo pensamento. O sello da divindade primitivamente gravado sobre o seo rosto, tinha-se apagado. Sua fronte calva e enrugada prematuramente tinha perdido sua nobre magestade.

Seo olhar quasi extinto prendia-se á terra com uma tristeza estúpida. Seo corpo,

outra forte, tinha-se enfraquecido sob o trabalho de uma interior dissolução. O resto da vida que existia n'elles se extinguio logo, e dormirão no sepulchro sem esperança de uma ditosa resurreicção, sem lançar mesmo um olhar para esse bello céo, que devia ser sua patria.

Não devemos erer que seja isto uma imagem fãa de toda a verdade ou consideravelmente exagerada. Nós a teriamos antes enfraquecido, que tratado com rigor, porque ha cousas, que repugnão de tal maneira á natureza, que nos apressamos á lançar sobre ellas o véo do pudor para não mostralas em toda a sua nudez. Não devemos erer que isto seja uma excepção extremamente rara, da quella não se deva ter alguma conta. A depravação do sensualismo he algumas vezes tão geral, que se tem visto estender a regiões inteiras.

A' Natureza.

Por Rem-milhes.

Montes paternaes, cujos cimos se colorão de púrpura, campos amarellos e verdejantes, e vos, arvores, em cujos ramos se embebião harmoniosos choros, eu vos saúdo! O prado estende diante de mim seu vasto tapete malizado, por entre sua encantadora verdadeira serpeola o atalho agreste ao redor de mim zunbe a abelha indubitavel; a borboleta adoeja de flor em flor; os ventos estão calmos, e sómente o canto das passaros perturba o repouso dos ares. Caminho e uma ligeira obscuridade me rodeia; uma frescura embalsamada, que circula de volta destas frescas sombras, vem animar meus sentidos; arboustos copados e arvores numerosas encobrem do repente o aspecto da paisagem. Um caminho estreito e tortuoso dá-me passagem para o cimo do monte. Então a floresta parece entrecabrir-se, e a luz do dia fero a minha vista. Um espaço immensuravel se estende ao longe a meus olhares admirados; uma linda de montes azulados termina o horizonte vaporoso; acima de mim vejo um ether infinito, abaixo uma profundidade illimitada. De minha vista se

levanta a vertigem me perturba, se se abaixa, o terrôr me surprende. Mas entre estas alturas eternas e esta eterna profundidade um novo atalho, protegido por uma balaustrada rustica, dá ao viajante uma segura passagem. Essas bellas praias se debuxão aos poucos em seus contornos a meus olhos; as riquezas da região attes-tão a actividade do lavrador; n'aquelle rio, cujas aguas fertilisão a campina, se deslirão ligeiras barcas; uma mesma visinhança reúne os campos aos lavradores, cujas cabanas de colmo lhos offerecem uma eterna paz e felicidade.

O' santa natureza, sempre a mesma tu guardas em tuas mãos fieis o que o homem, o menino que brinca, e o adolescente esperão de ti! Debaixo deste mesmo céu, sobre estas mesmas relvas, perpassão, cada uma por sua vez as gerações passadas, presentes e futuras, e o teu sol, que brilhava para nossos avós tem o mesmo brilho para nós.

Trad. de *Gustavo A. Pires.*

Desterro, 15 de Maio de 1862.

POESIA.

O AMANTE SUICIDA.

Ao meu amigo

ELISEO G. DA SILVA

E'noite, Ampla silencio envolve a terra
Em suas negras azas taciturnas.
Pelos plainos do céu campea a lua
Magesiosa e serena derramando
Seu clarão argentino sobre a terra—
—Alvo lençol que a cobre em seu dormir,
E'noite; o somno prende em seu regaço
A natureza emmudecida e calma.
—Reina o silencio, a terra jaz deserta,

Nest' hora de pavor, á luz da lua,
Em ampla solidão, incanta, é bello
Orecordar do passado que desperta
No coração a saudade, e nos mergulha
Em sombras de tristeza, então nossa alma

C'ô a solidão e o ermo se combina,
E um goso indelivel, um doce encanto
Um perfume saudavel nos transporta
A um espaço, infinito, onde não chegam
Nem pezares, nem dor. . .

Que voz sentida

Vem o a longo quebrando este silencio ?
Talvez perdido amante que lamenta
Alquebrado de dor, negros perjuros
De inconstante mulher, a quem amara,
Calou-se a voz, um vulto ao longe assoma
Compasso frouxo, e os olhos no horisonte.
Quem será o mortal que a taes des horas
Vaga acordado entre o silencio eo somno
Que envolvem a terra, neste ermo imenso!
Por certo algum feroz projecto o move,
Feroz projecto, que na mente rola-lhe
Como no espaço o trovão melonho.
Ei-lo, lá sobe aspero rochedo
De imensa altura, um abismo horrivel
Junto delle se abre, desenhiloso
O mancebo se senta á sua borda
E fixando na lua os olhos terros
Deixa ouvir estas fallas desospitalas
Adeos, mundo cruel de mil enganos,
Inferno da innocencia e da pureza!
Assoz soffri teus damnos, teus espinhos
E na taça de teus males horriveis
Um inferno sorvi! -- o desespero:
A deos, tu, ó malher que envenenaste
As crencas tão sagradas de minha alma;
Tu monstro, fallaz que derramaste
No paraizo que Deos ao homem dera
Os tormentos do inferno! eu eri-te pura
E corri como um louco, todo em chamas
Ao regaço de amor que de teus olhos
O brilho enganador crer me lizerão
Um ceode mil venturas! mas oh! perfida!
Tu mesmo me arrancaste desse encanto
Perjurando e mentindo aos votos feitos!
Alma vil e nefanda eu te desprezo.
Vai-te, monstro horroroso, eu te abomino!

.....
Já nada mais me resta sobre a terra
Quero pois descansar! adeos, ó mundo!
Disse, e louco e feror e dosespz'ado
Do negro abysmo escorregou ao fundo.

Juvita D. S.

Typographia Catharinense

de Germano Antonio Maria Avellm. Rua Augusta
N. 23. — 1862.



LAGRIMAS NO TUMULO

DE
JESYRÃO MARQUES DE LIMA VES.

Muito abençoado que te saudades infantis
Influem ainda continua ahi!

Katomo Arin Iwa.

□ Jilto
□ vos
Eil-o contado inominado e livido nas colligadas tre-
vas da morte!

Eil-o fido como a terra sepulchral immerso no somno
eterno!

Oh! quam brevey esta vida., como e passa como um
sonho!.. tudo se vai fugaz e rapido captivo como o aro-
ma das flores!.

Entrados, mundano, amores tudo desaparece ante o
o aijo da m.ão, ailla vontade do Deus!

5 □ Ai; hionom
8 □ Pul
□ debruças-to
Amela hontem eias a flor que mal tinha aberto o par-
turo do Calix do uspi, aou a natureza... hoje, pallido e frio
debruças-to na final jazida. . .

5 □ Iodo
□ e
Luzca raõ cetro de vida, não praser lido ollavas com
tudo para os falsos praseres desta vida, vanto infindo
de ilusão que nos lastimo, e hoje qual flor pendida de
seu hastil myriada pelo foldo vida!..

Montem ainda te vi cheio de vigor e de moidade co-
lhendo-ma a uma as flores da primavera e entre os sur-
risos juvenis, marchavas na senda da intelligencia para
o futuro que te levavas ao longe.

E hoje nas trevas do sepulchro á sombra do cypreste
dormes tranquillo o somno eterno!

2 □ Ah!
□ que
5 □ da
□ scriã
Ah! antes assim nessa idade angelica... antes assim do
que mais tarde tu alma fosse contaminada pela fria duvi-
da e vergasse ao peso de maiores dores, porque sempre
serão cumpridas as sagradas palavras, do Deus que
colheu-te a sua santa mansão: *Pulvis es et in pulverem
reverteres!*

O amigo que te acompanhava em teus devaneios de
estudante, nos desceidos juvenis, auto este golpe
fatal e inesperado confundio-se no abysmo de uma dor
horrivel, e só pode diser na abundancia de suas lagri-
mas: -- Anjo de bondade e pureza, Deus te tinha re-
servado o seu reino, e antes que contaminasses tuas can-
didadas azas elle chamou te para fruires a bemaventu-
rança.

5 □ Do
□ a
Do alto desse throno em que te achas, volve teus olhos
a terra e roga ao senhor que nos alente com sua graça
nas tribulações desta vida transitoria...

Desterro 28 de Maio de 1862. *Jacinta D. S.*